



CRIMES DE ÓDIO E COMUNICAÇÃO VIOLENTA NA ERA DIGITAL: uma análise do Racismo nas redes sociais

Debora Carolina Glienke Benati¹
Felipe Brudna Krause²
Gabriel Fernando Kozloski Antes³
Julia Martens Guerino⁴
Naieli Kinetz Arnold⁵
Fabiane da Silva Prestes Schneider⁶

Instituição: Centro de Educação Básica Francisco de Assis

Modalidade: Relato de Pesquisa

Eixo Temático: Direitos Humanos

1. Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo entender como o racismo se manifesta no ambiente digital, especialmente nas redes sociais e nos jogos online, conscientizando as pessoas sobre a gravidade dos discursos de ódio e incentivando atitudes respeitadas nas redes sociais. A pesquisa parte de estudos acadêmicos, relatos de vítimas e dados que mostram como a legislação ainda caminha a passos lentos diante desse tipo de crime. A ideia é mostrar que o espaço virtual também deve ser inclusivo e livre de discriminação, promovendo a igualdade racial em todas as suas formas.

2. Procedimentos Metodológicos

O trabalho foi realizado em grupo durante as aulas destinadas para a elaboração da jornada de pesquisa: “Mentes conectadas: entre algoritmos e emoções - desafios mentais e éticos da vida digital”. Os integrantes se reuniram, pesquisaram sobre o tema e delimitaram o trabalho no racismo nas redes sociais por ser um problema atual e preocupante. A seguir a pesquisa foi desenvolvida a partir dos seguintes descritores: racismo nos jogos online, o papel dos algoritmos, moderação de conteúdo e discurso de

¹ Estudante do Centro de Educação Básica Francisco de Assis. E-mail: debora.benati@sou.unijui.edu.br

² Estudante do Centro de Educação Básica Francisco de Assis. E-mail: felipe.krause@sou.unijui.edu.br

³ Estudante do Centro de Educação Básica Francisco de Assis. E-mail: gabriel.antes@sou.unijui.edu.br

⁴ Estudante do Centro de Educação Básica Francisco de Assis. E-mail: julia.guerino@sou.unijui.edu.br

⁵ Estudante do Centro de Educação Básica Francisco de Assis. E-mail: naieli.arnold@sou.unijui.edu.br

⁶ Professora do Centro de Educação Básica Francisco de Assis. E-mail: fabiane.prestes@unijui.edu.br

ódio. As informações foram coletadas individualmente em fontes confiáveis, organizadas e discutidas coletivamente. Além da coleta de dados bibliográficos e documental, foi realizada uma entrevista estruturada aplicada pessoalmente a uma advogada.

3. Resultados e Discussões

O discurso de ódio se espalha com facilidade na internet, impulsionado pela rapidez das redes sociais e pelo anonimato oferecido pelas plataformas. Comentários racistas, muitas vezes disfarçados de piadas e memes, circulam livremente em espaços como X (antigo Twitter), Instagram, TikTok e Facebook, atingindo milhares ou até milhões de pessoas. Esse tipo de conteúdo reforça estereótipos raciais, alimenta preconceitos e contribui para a naturalização do racismo no ambiente digital, muitas vezes sem que os responsáveis sofram qualquer tipo de punição.

Pessoas negras, principalmente aquelas com maior visibilidade como influenciadores digitais, artistas e criadores de conteúdo, são alvos constantes de ataques racistas. Esses ataques podem incluir xingamentos, ameaças, desumanização e tentativas de silenciamento. Em muitos casos, esses discursos vêm acompanhados de campanhas de ódio organizadas, conhecidas como “linchamentos virtuais”. Nos jogos online, a situação se agrava ainda mais: ofensas raciais em chats de voz ou texto são frequentes, criando um ambiente hostil e excludente para jogadores negros. Muitos relatam ter sido obrigados a abandonar partidas, mudar seus nomes de usuário ou até desistir de jogar devido à violência verbal constante.

Outro aspecto preocupante é o papel dos algoritmos das plataformas digitais. Embora sejam apresentados como ferramentas neutras, esses algoritmos são treinados com grandes volumes de dados históricos que carregam os preconceitos e desigualdades do mundo real. Como consequência, eles tendem a privilegiar conteúdos considerados “mais populares” ou “engajadores”, o que pode significar a valorização de discursos problemáticos e a invisibilização de vozes negras. Criadores de conteúdo negros muitas vezes relatam que seus vídeos, postagens ou perfis têm menos alcance e engajamento, mesmo quando seguem as mesmas tendências e padrões de outros influenciadores.

As tecnologias de reconhecimento facial também refletem esse viés racial: diversos estudos já mostraram que esses sistemas apresentam taxas muito maiores de erro na identificação de pessoas negras, o que pode gerar situações de constrangimento, exclusão e até injustiças em contextos de segurança.

A moderação de conteúdo, tanto automática quanto manual, enfrenta sérias limitações. Os sistemas das plataformas frequentemente falham em reconhecer o racismo quando ele está inserido em contextos culturais, linguísticos ou simbólicos específicos. Por outro lado, conteúdos anti racistas ou de denúncia acabam sendo removidos por supostamente violarem as diretrizes da comunidade, o que revela um paradoxo: enquanto o discurso de ódio passa despercebido, a resistência é silenciada. Isso evidencia a urgência de se repensar os critérios e tecnologias utilizadas na moderação, levando em conta a diversidade cultural e a proteção dos grupos mais vulneráveis.

Em resumo, os resultados mostram que o ambiente digital não apenas reproduz, mas em muitos casos amplia as práticas racistas da sociedade. É necessário discutir com profundidade o funcionamento das redes sociais, a responsabilidade das empresas de tecnologia e a importância de políticas públicas que garantam um ambiente online mais seguro, inclusivo e justo para todos.

No dia 1º de julho, realizamos uma entrevista com uma advogada para aprofundar nossos conhecimentos sobre o racismo no ambiente digital. Segundo ela, os casos que normalmente chegam até a OAB envolvem o acompanhamento presencial na delegacia, principalmente na elaboração do boletim de ocorrência. Quando isso não acontece, a OAB consegue atuar apenas de forma virtual, mas de maneira mais limitada. Em Ijuí, ela relata não ter visto registros significativos de racismo na internet, sendo os casos mais comuns os presenciais. A advogada explicou também a diferença entre injúria racial e racismo, destacando que, antes, a pena para injúria era de até 4 anos, o que permitia que o acusado não fosse preso — apenas pagasse multa e se retratasse. No entanto, uma alteração na lei no ano passado aumentou essa pena para mais de 5 anos, possibilitando a prisão. Por fim, ela acredita que o racismo virtual e o presencial se conectam, pois quem comete crimes online pode ser a mesma pessoa que cruza com a vítima nas ruas.

4. Conclusão

O racismo digital é um problema complexo e crescente. A pesquisa revelou que o ambiente virtual reproduz as desigualdades do mundo real e que ferramentas como algoritmos e moderação ainda falham em proteger as vítimas. É fundamental continuar debatendo o tema, criando estratégias de combate e cobrando ações efetivas das plataformas e da legislação.

5. Referências

ANGWIN, Julia. LARSON, Jeff. MATTU, Surya. KIRCHNER, Lauren. Machine Bias: There's software used across the country to predict future criminals. And it's biased against blacks. **ProPublica**, 2016. Disponível em:

<https://www.propublica.org/article/machine-bias-risk-assessments-in-criminal-sentencing>

BUOLAMWINI, Joy. project Gender Shades: Algorithmic Bias Persists. **Overview**, 2017. disponível em: <https://www.media.mit.edu/projects/gender-shades/overview/> Disponível em 02 jul. 2025.

PAZ, Pedro Henrique Marie de Paiva. CARVALHO, Ormail de Souza. DIB, Rebeca Dantas. O Racismo nas Redes Sociais: Uma Análise Sobre Como A Tecnologia Amplifica A Discriminação Racial. **Revista FT**, 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/o-racismo-nas-redes-sociaisuma-analise-sobre-como-a-tecnologia-amplifica-a-discriminacao-racial/>. Disponível em 02 jul. 2025.

ZILCH, Denise. Racismo nas redes sociais. [Entrevista concedida a] Julia Martens Guerino, no dia 01 de julho de 2005.